



Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

3 DE JULHO DE 1965
ANO XXII — N.º 556 — Preço 1\$00

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO CASA DO GAIATO * PAGO DE SOUSA * FUNDADOR Padre Américo * VALES DO CORREIO PARA PAGO DE SOUSA * AVENÇA * QUINZENA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA * DIRECTOR E EDITOR PADRE CARLOS * COMPOS. E IMPRESSÃO NAS ESCRIÇAS GRAFICAS DA CASA DO GAIATO

AREIAS DO CAVACO



Ponte sobre o Rio Cavaco, às portas de Benguela. As areias saboreiam deliciosamente a frescura das suas águas. Nós também. É pena que seja por pouco tempo; em breve voltarão a ser «torradas» pelo calor do litoral!

FESTAS! Já não se fala noutra coisa, cá em casa. Na Metrópole, as Festas dos gaiatos criaram tradições. O Coliseu do Porto; o Monumental de Lisboa; o Teatro Avenida de Coimbra; o Luisa Todi de Setúbal; Aveiro, Guimarães e tantas outras terras, já não dispensam a presença dos nossos garotos.

As nossas Festas são pretexto para reunião da família da Obra da Rua, constituída por todos os Amigos que fazem seus os problemas com que ela se debate.

Iniciadas no tempo de Pai Américo, criaram raízes tão profundas que não falta quem reserve lugares de um ano para o outro.

Este cantinho do Litoral de Angola vai ver em carne e osso os gaiatos que também lhe pertencem. Os ensaios já começaram. Todos são actores. Todos encaram muito a sério o seu papel.

O Monumental de Benguela abriu-nos de par em par as suas portas. Já há lugares marcados. Ainda não vos podemos dizer o dia certo, mas não será muito longe de meados de Agosto. Sabereis onde procurar os bilhetes.

Depois, será a vez do Lobito, Catumbela, Novo Redondo e outras terras.

P.e Manuel

PATRIMONIO DOS POBRES

Neste número têm a palavra alguns dos construtores do Património dos Pobres do Centro do País.

Começamos na Estremadura, à beirinha do mar:

— «A 4.ª casa está concluída e aqui vai uma foto onde se vê a família beneficiada.

Este povo começa a compreender. Creio que vamos fazer mais duas, em breve, com a sempre necessária ajuda da população local.

Vamos ver se conseguimos desenvolver a obra até proporcionar casas a todos os que precisam. Com a casa, em princípio, vêm os bons costumes, o asseio, a verdadeira civilização. Uma diferença entre o que eram e o que são.

Este pároco já encontrou o verdadeiro caminho que o ajudará a conseguir o que quer.

Agora, porque é longe e também à beira mar, já na Beira Litoral, façamos a viagem mesmo de barco:

— «Eu hoje venho pedir para os Pobres, vítimas de tanto abandono e incompreensão, numa terra em que tanto se

comunga. Parece quase incrível, mas é verdade. Não creio muito nestas nossas comunhões daqui, pois só há um Cristo e que se não reduz à Hóstia consagrada, mas se prolonga em um corpo, embora místico mas real, sem excluir e incluindo até, por um laço muito especial, o Pobre».

É um Sacerdote que assim diz. Doutrina do Corpo Místico de Cristo.

E vamos até à rainha das cidades — Coimbra, e aqui encontramos um jovem formado em leis com mais uma sua presença:

— «Ficaram hoje quarenta e cinco contos para o Património, para os pobrezinhos do Bom Jesus. Com muito amor por eles.

Ore por mim, para que Deus me ajude».

Deus muito o tem ajudado, pelo muito que ele tem ajudado os Pobres.

E vamos aos arrabaldes da mesma cidade:

— «Não esqueci o caso, pois não era de esquecer, tanto mais que como a família pobre se atrasou na renda, o senhorio recusou-se a recebê-la dias depois, como pretexto para a despedir, e efectivamente foi-lhe movida uma acção de despejo e no pino do inverno vieram-lhe pôr as coisas na rua, e por muito favor conseguimos arranjar quem alugasse um barraquinho provisório.

Tenho andado a arranjar uns tostões. Chegou a hora, graças a Deus, a obra começou.

Arrumado este caso, tenho de pensar noutros».

Este é programa de todos os obreiros do Amor. Trabalhar até que todos os irmãos vivam como irmãos. Este pároco tem dado a mão a muitos.

E sigamos na mesma estrada, dobremos a serra da Louzã até à Vila onde há castanhas e peras:

— «Foram entregues mais duas casas. Tudo correu bem. Vamos a ver se os Amigos dos Pobres e o Senhor nos entusiasmam a fazer mais».

Acreditamos que sim. Amigos dos Pobres há e o Senhor nunca falta.

CONTINUA NA SEGUNDA PAGINA

BARREDO

Muitos se sensibilizaram, graças a Deus, com o caso do última crónica. Várias ajudas têm chegado. Uma vinha até a dizer o que se havia de comprar e o dia em que o havia de fazer. Ora como já me tinha ido desobrigar doutras incumbências, esses quarenta escudos foram para outra, aqui de perto. São nove filhos dos quinze anos para baixo; e o marido ganha, de jornaleiro, quinze escudos. Ela está doente dos pulmões e não tem de que se valer, para combater a doença. Pois, a alegria e o agradecimento dela não foi menor que o da Sra. Carlota quando lhe apareci com uma caixa de cartão que alguém mandou. Eram feijões, açúcar, arroz, massa, um pacote de margarina e café. Tão contente! «Isto assim já me dá para um dia», dizia ela enchendo a palma da mão com massa

e arroz. «Que Deus seja tão extremoso para quem mandou isto como o foi para mim», ficou ela a rezar à porta, enquanto eu descia as escadas a caminho do sr. Vitorino. Este estava deitado. Tem passado muito mal. A camisola que pessoa amiga de Lisboa mandou, foi entregue e muito agradecida, pois a outra estava no fio. Pedi-lhe que rezasse por quem lhe deu. A oração do Pobre é bem-aventurada.

Mais uns metros e fui encontrar quem há muito visito, prostrado no leito. Está muito abatido, porque para além dos males de que já sofria, está quase tolhido. Já não ouve e deita muito sangue pela boca. A mulher está quase como ele, por via do reumatismo. O seu sofrer é resignado embora seja muito intenso. Não há remédios

que atalhem nem nada que suavise este calvário escondido. Uma lamparina acesa a velar um crucifixo muito velho, diz-nos que Ele é a única esperança.

É uma neta que lhes dá as voltas, depois da escala, e que lhes prepara o comer, que um filho solteiro ganha. Mas a casa está um asseio. Já na Fonte Taurina, encontrei outro caso. Quem mora? Uma pequenita de dez anos e um irmão de cinco que andava na rua. A mãe está no hospital por ter cuidado da ponte ao rio. Ora estas crianças andam no Centro Social do Barredo. As Assistentes tomam a peito habituá-las a limpeza e ao arranjo da casa. Sem dúvida que é elemento básico da elevação do Pobre.

CONTINUA NA TERCEIRA PAGINA

AGORA

Há muito já que não saía a Procissão e hoje vai ser um tão volumoso quão sabroso desfile.

Graças a Deus, os seus devotos permanecem firmes na sua devoção. Outros surgem. E aquela urgente necessidade de proporcionar habitação condigna a quem a não tem — ainda tão longe de ser satisfeita — é a causa de novas adesões e do reafervoramento das antigas.

Passa o 1.º grupo: Casas por inteiro: É a oitava do Liceu Rainha Santa Isabel, do Porto. As alunas dele mais as suas professoras entenderam o convite a que este dar é resposta e assim, de cada vez que saciam esta fome de fazer o bem, ganham novo apetite para repetir a substancial refeição de Caridade.

Uma Senhora de Lisboa completou 15 contos para a «Casa Bendita», «em memória de minha Mãe». Eu nem sei se será Bendita, se Benedita, do nome da pessoa recordada.

No Espelho da Moda um cartãozinho anónimo com estes dizeres:

«Junta incluo a quantia de 20 000\$00 para uma casa do Património dos Pobres.

Tendo eu nascido e sido criada em Viana do Castelo, gostaria muito que a casa fosse lá construída.

Se for impossível construí-la lá, fará o favor de a mandar construir onde quiser.

Muito obrigado por tudo».

Um grande amigo de sempre pôs à nossa disposição uma quantia «a que fará o favor de dar a aplicação que julgar mais conveniente» — e nós reservámos 25 contos para uma casa, para cujo apetrechamento, o nosso Amigo ainda deseja contribuir.

Mais 20 contos do assinante 1221. «Já há muito que tinha o desejo de dar esta contribuição, mas a oportunidade surgiu agora (A inércia e o egoísmo arranjam sempre desculpas!). Peço que à casa, a construir onde for achado melhor, seja dado o nome da Rainha Santa Isabel».

E mais uma casa de 12 contos, de quem tem dado tantas que eu já lhes perdi o conto.

«Aproxima-se a Páscoa e com Ela a época dos folares!

Bem merece o Património dos Pobres o seu folar, que aqui lhe envio, pela Obra tão cheia de Amor Cristão que vem realizando por vontade de Deus!

Agradecendo a Deus o ter querido dar-me a possibilidade de contribuir para que mais uma Família seja abrigada, louvando o Seu Santo Nome, peço as Suas

Benções para si e para quantos o vêm ajudando a realizar a Obra que se nos impõe.

A Bem dos Pobres — que afinal todos os somos: uns de bens materiais; outros de bens espirituais».

Surge agora o pendão dos Avulsos: 1.ª legenda: «Obra de Deus, para os Pobres. Não agradeça. Seja discreta a minha dívida. Apenas deve assinar o postal para eu ter a certeza de que foi recebida».

Mais mil, no Lar do Porto, «da assinante J. M. C. em acção de graças a Santo António». Vinte de Niza, Cinquenta do ass. 10250. No Montepio Geral, em Lisboa, muitas presenças de «um pecador» e do assinante 33503. Mais dois mil, «em sufrágio de M. Esteves». Cento e cinquenta da Marília de Lisboa, com lembranças também para o Calvário e Belém. Mais 200\$ da M. Teresa, da Parede e não sei quanto na Caixa do Lar de Lisboa.

Passam agora os das casas para que vários concorrem:

Tresentos para dividir igualmente pelas Casas de «Nossa Senhora de Lourdes», «do meu aniversário» e «de Santa Maria». O dobro de Lisboa para uma «casa de Nossa Senhora do Sameiro», «se houver alguma com esta invocação». Que me lembre não há, mas começa agora. E outra vez 300\$ para o «Lar de Nossa Senhora das Candeias», «que é parte do 1.º vencimento do meu novo emprego».

Vêm aí os de todos os meses:

À frente o nosso Major «do silêncio» com as suas lembranças para Património, Ordins e «Belém» e outras ainda mais preciosas a dizer da sua delicadeza e da amizade com que acompanha a nossa vida: «Está um tempo de Abril em Portugal autêntico, muito sol e pouca chuva, o que lhe deve trazer preocupações. Nessa Casa, e em todas, vive-se muito da terra e para a sua fertilidade torna-se necessário o tempo favorável». A Alda, do Ribatejo, aparece com 5 vezes os 70\$ habituais, mais 420\$00 de uma assentada (estes para o Calvário) «referentes a um trabalho que fiz durante o ano». Outras 5 presenças de quem pede «1 A. M. pela conversão de um chefe de Família». E outras tantas da «Maria do Pequeno Louvre». E mais uma «do que poupa 20\$ ao tabaco em cada mês».

E vamos terminar com os Pessoais, visto que esta caminhada já vai longa e a enxurrada maior é, como sempre, os

das Casas a prestações, que farão sua saída no próximo número.

O Pessoal da HICA traz 5 fogaças, de 2003\$60, 1784\$, 1773\$, 1796\$10 e 1787\$40, desde Fevereiro a Junho.

Do Pessoal do Grémio da Panificação é que só encontro duas — e fico a pensar se não teria extraviado os papelinhos onde se guarda a memória dos depósitos. São: 175\$ e 362\$50.

E mais dois Pessoais com o somatório da subscrição mensal de 1\$00, feita entre eles. São o da Caixa de Previdência do Distrito do Porto, com 108\$40 e 75\$00; e da Caixa Textil, com quatro presenças de 240\$, 231\$, 225\$ e 230\$.

Visado pela
Comissão de Censura

Diário de um SOLDADO

Notícias amigas fazem sempre bem, mesmo que o nosso estado de espírito não exija cuidados de maior. Quantas vezes eu agradeço ao Senhor o dom de uma boa amizade! Quantos sacrifícios ela costuma custar; às vezes, quantas lágrimas roladas! — Tudo isto por uma causa cujo efeito o Senhor conhece perfeitamente. O silêncio custa; o saber que ainda se não foi esquecido ajuda a não esmorecer a fé e a vontade de ser melhor.

No meio em que vivo, que é mau em toda a acepção da palavra, é que eu sei reconhecer quanto Deus me tem ajudado. Para a maioria sou um «tipo» a mais, um colega que se olha com indiferença porque o meu olhar vai para mais longe. Mas, felizmente, eu já sei que isso em nada me diminui. O ideal que tento alcançar vale imensamente mais que os prazeres mundanos que eles procuram inculir-me.

A seara é grande e o trigo é bom. O ceifador é fraco... Mas como com Deus não há impossíveis, eu espero conseguir triunfar.

Que os bons amigos — sempre raros!... — me ajudem a viver, cá longe, a Vida em Família, a Vida comum. E se não esquecerem de dizer ao Senhor que me não deixe esquecê-lo.

Eu farei o mesmo por eles.

PATRIMONIO DOS POBRES

Continua da PRIMEIRA página

Continuemos rumo à Beira Baixa até ao berço do Beato Nuno:

— «Agora, em vez de uma necessidade a remediar, são duas:

1) — É uma mulher doente que vive com uma filha e dois netos, estes sem pai. Tem o telhado em mau estado e não têm janelas e as portas estão a cair.

2) — É um casal pobre com muitos filhos, que vivem ainda mais pobres pelo alcoolismo do chefe. A mãe de família é muito poupada. A casa estava miserável. Quiseram dar-lhe um concerto, porém as economias da mulher, tiradas à boca, chegaram só até ao telhado».

Nesta região alguns párcos têm-se debruçado sobre a sorte de seus paroquianos e era bom que todos o fizessem.

Tomemos agora rumo à Beira Alta, até à base norte da Estrela:

— «Sou uma pobre mulher viúva, acompanhada de seis filhos menores, quase todos de tenra idade. No último ano de vida de meu marido conseguimos erguer uma modestíssima casa, mas com a sua morte tudo desmoronou.

Venho pedir a V. uma ajuda para o acabamento do lar onde me possa agasalhar com os meus seis filhos».

Esta pertence ao número das mães heroicas. As Mulheres fortes dos Livros Santos.

Voltemos ao coração de Portugal, subindo a serra d'Aire:

— «Dirigimos um pedido de auxílio para a construção de casas para pobres na Cova da Iria, em substituição de barracas de madeira onde vivem famílias».

Já estão quatro feitas. Se nos doem as barracas em qualquer parte, muito mais no lugar que a Mãe Celeste escolheu para Altar da Pátria e do Mundo, onde veio revelar mais uma vez a mensagem divina de Amor e Justiça e Paz.

Ajoelhemos e demos graças ao Senhor ali onde Pai Américo ateou este fogo que tem queimado vidas a favor dos Irmãos Pobres.

Padre Horácio

Esta é a donairosa moradia construída em uma freguesia da Estremadura, segundo a carta do Pároco transcrita no início do artigo.



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P.
PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE

MALANJE



A COMUNIDADE DE MALANJE A PORTA DO LAR NA CIDADE

Ora o «Faniqueira», tão embebido na leitura duma revista de aventuras, nem deu pela minha entrada na rudimentar sapataria. A revista cafu-lhe e ficou com os olhos em mim a ler a sua transgressão na minha tristeza.

—Estás sózinho na oficina... Se não medes e vives o sentido da tua responsabilidade! se os outros não medem nem vivem! que será de nós perante Deus e aqueles que em nós confiam e nós próprios? Vamos lá ver, «Faniqueira»!

* * *

Ainda não contei a do Manuel «Chancudo», quando chegou da Metrópole — todo fresquinho...

O Neca, como ele tinha o curso de podador, impingiu-lhe, na primeira manhã, uma medonha árvore de mato — dizendo-lhe que era uma ameixeira — para ele podar.

O nosso Manuel, compenetrado e munido de serrote e tesoura, foi, subiu e fez tal destroço na dita e medouha que foi um gosto!

* * *

Tenho batido a algumas portas a pedir uns sacos de cimento. A duas delas antes que pedisse: «Venha carregar quinze sacos». Dir-lhe-ia o Senhor ao ouvido?! Só se foi.

Vou sempre com confiança. É tudo para eles — para os filhos de ninguém. Ainda há dias, pela mão dum vicentino, fui ver um rancho de cinco — o mais velho tem doze anos e os pais morreram. Moram à nossa beira, ali na Carreira de Tiro a caminho do Aviário.

«Mas que responsabilidade tenho eu?» — pode alguém dizer.

Todos nós temos na medida em que podemos repartir. Mas, muita, aqueles que nadam em supérfluo.

E... vou pôr a procissão em marcha:

Vai o Senhor Baltazar Mendonça com dez sacos de cimento; Centro Comercial com quinze; nossos amigos Octávio, Fonseca e Ramos com cinco cada; Snr. Alexandre Couto, idem; Snr. João Gomes com quinze; Snr. Manuel Gois, dez;

Snr. Francisco Soares, cinco; Snr. Matos do Forte República, cinco; um visitante com 200\$00 para tintas. Ai as tintas! É a primeira lata. São precisas tantas! Duas senhoras amigas, uma de 500 — são mais duas latas da dita; mais um grupo de amigos que trabalham no José A. Gomes L.da com trinta sacos; Snr. Dr. Terêncio, 100\$00; um visitante, 50\$00; Snr. Gomes de Azevedo da «Lelo», 5 notas de mil. Na Cela, onde fui e falei, muito carinho de todos e uma promessa ao Pai Américo da Snr.ª A. Bacelar de 2.500\$00. Um senhor que nos visitou, entregou 1.000\$00 a um pequeno gaiato — tem encanto esta confiança! — o pequeno não soube dizer o nome, mas Deus sabe. Os noivos Carlos e Maria do Carmo com 100\$00; Snr. Telmo Pires com muita amizade e 500\$00; as meninas do Colégio, que num domingo enfeitaram a nossa quinta, 200\$; um senhor do Lucala, 500\$; o Pereira Coelho com 500\$00; e um grupo de visitantes, 1.300\$00.

Que o Senhor dê a todos os cem por um que Ele prometeu. Tenbamos nós o coração sempre aberto ao amor de Deus e de nossos irmãos.

P.e Telmo

BARREDO

Cont. da PRIMEIRA página

Ele não tentará nunca elevar-se, se está habituado a viver sordidamente. Já vi casas de bairros novos, para onde foi gente das Ilhas que, por dentro, são a mesma imundície e mais em desenhinho por mais espaçosas. Falta certamente a preparação aos que foram e de quem os levou. O Centro Social do Barredo está ali a fazer um trabalho de base que, através das crianças, se estende até as famílias. E que bem depressa elas possam ocupar uma casa digna, onde respirem ar puro, luz do sol e vida digna.

«Vivi e senti nesta melancólica Província, mais uma alegria que a nossa Obra teve: o casamento do F., a quem desejo os melhores êxitos e dedicação ao serviço da Obra. Que o Pai do Céu permita que sejam estes a dar-nos a luz real e pura da verdadeira vida de um Obreiro, de quem tanto a nossa Obra precisa, mas sem, ao mesmo tempo, precisar de ninguém».

Há meses que guardo esta legenda de um de vós que serve a Pátria longe do Lar. Guardei-a para vo-la dar, pois tenho pensado o mesmo muitas vezes e tentado dizê-lo, mas nunca consegui uma fórmula tão simples e tão feliz como esta, do vosso irmão.

A primeira lição — já várias vezes aprendida por mim nestes últimos anos — é de como a distância aproxima aqueles que se amam verdadeiramente, e purifica e ilumina os laços de amor.

Ele próprio confessa: «Eu mesmo estou integrado nos que em certa altura nada quizeram ver e menos viver». Confessa, implicitamente, que a Obra é grande demais para se ver ao pé. Recuar o ponto de vista permite vê-la melhor, «ver as coisas conforme realmente são». Só a grandeza do coração, que é por excelência o órgão da vida, permite percebê-la de perto — porque viver uma coisa é ainda a

Na Fonte Taurina subi ao terceiro andar à procura duma que teve três gémeos. Só estava um — e que aspecto! Os outros dois voltaram ao Hospital, «porque estavam muito fraquinhos».

— Que é do seu homem?

— Eu não tenho homem, eu sou uma filha da desgraça, que é mesmo assim.

E como há-de esta mulher sustentar-se e aos três se não tem homem?

Há meses fui chamado à cabeceira dum tuberculoso. Erum oito filhos e a mulher, na rua dos Pelames. Homem profundamente cristão, sofria a miséria onde veio cair. «Aqui no andar há mais cinco a morar e nenhuma é casada». Todas, ou quase, com filhos!

É um mal muito grande o aial daqueles lugares. Se se pode dizer que o Barredo é terra de

mártires, de heróis e de santos, também se pode dizer o contrário. Há ali a degradação moral mais baixa, a imundície humana mais objecta!

Nunca tinha compreendido porque se têm feito tantas casas novas para os Pobres do Porto e os do Barredo ainda não começaram a ser alojados. Há entre eles um mal que se não resolve com casas. Um mal que nunca se resolverá mesmo, enquanto as casas de tolerância e as filhas da desgraça continuarem nos hábitos desta sociedade que se alinha de cristã e em si mesma destroi o que há de mais fundamental em valores humanos.

Cantinho DOS RAPAZES

maneira mais autêntica de a entender. A distância, porém, favorece sempre a visão, até a daqueles de coração generoso, que já tinham vivido, enquanto próximos, e agora, longe, tomam mais plena consciência da causa por que viveram e se prepararam para a viver ainda melhor.

A segunda lição é a «mais uma alegria que a nossa Obra teve: o casamento do F...» Na verdade, se a Obra é uma Família, uma Família cristã, o casamento de um filho, seriamente entendido e preparado, é uma alegria pelo enriquecimento que para ele se espera no novo estado em que o Sacramento o introduz. Se ele e ela entenderam o valor santificante do Matrimónio e se é este a sua vocação, — em nenhum outro estado ele estaria tão apto a «os melhores êxitos e dedicação ao serviço da Obra».

Ela será complemento dele a acrescentar-lhe a dedicação, a facilitar-lhe os êxitos.

A terceira lição — e nesta reside a tal fórmula simples e feliz, que eu nunca consegui achar — é o voto que o vosso irmão faz: «...Que sejam estes a dar-nos a luz real e pura da verdadeira vida de um Obreiro, de quem tanto a nossa Obra precisa, mas sem, ao mesmo tempo, precisar de ninguém».

O tomar cada um a consciência de que o serviço da Obra é uma honra; o colocar-se cada um na posição humilde, autêntica, de que a Obra precisa de ser servida sim, mas não precisa deste ou daquele, porquanto é de Deus, está confiada à Sua Providência... e «Deus pode transformar uma pedra num filho de Abraão» — muito ajudará a fazer «a luz real e pura da verdadeira vida de um Obreiro» no espírito de cada qual, e destes irradiará para todos, nomeadamente para os vindouros à mesma condição.

Tem sido dito e relembro, que numa Obra eminentemente activa como a nossa, que insere na sua bandeira como divisa do seu modo de ser e de agir: «Obra de rapazes, para rapazes, pelos rapazes», todos, até o mais pequenino «batata», é um obreiro. E neste sentido a Obra precisa de todos, enquanto a actividade de todos os que vivem dela é a expressão da sua própria vida. «Mas sem, ao mesmo tempo, precisar de ninguém», pois ela só precisa de todos por causa deles mesmos, os que precisam dela e por amor de quem ela existe.

Mas a Obra, na sustentação da grande estatura que atingiu e que parece estar ainda

longe do termo do crescimento, precisa de alguns, que colham da sua especial dedicação os melhores êxitos ao seu serviço. São os que ficam encabeçando sectores de actividade, os quais, podendo ser dirigidos por rapazes, não devem sê-lo pelos padres. Estes são os Obreiros em sentido mais estrito, aos quais se refere o vosso irmão de longe. Pois para esses, ainda mais, se exige o tal sentido puro e real de humildade, porquanto o serem aceites ao serviço é uma honra que o Senhor lhes dá, escolhendo-os entre tantos outros, talvez humanamente mais dotados, mas não tanto em dedicação, que é, justamente, a grande faculdade que lhes dará, como a fonte a água que dessedenta, os êxitos ao serviço da Obra — os êxitos que serão a sua compensação e alegria pela meta atingida na sua realização como homens, filhos de Deus.

Ao voto, voto de luz, tão luminosamente feito, não tenho mais nada a acrescentar senão um Amen profundamente sentido em comunhão na alegria manifestada por este vosso irmão, lá de longe, da «melancólica Província» onde serve a Pátria.

UMA CARTA

«Eu sufrágio da alma de minha mãe, «mulher de bem» que faleceu em 6/11/964 com a idade de 71 anos — uma vida cheia de dores morais e materiais mas que tudo sempre sofreu em silêncio e tudo aceitando com edificante resignação Cristã. Era solteira e foi mãe de 10 filhos. Teve o primeiro que faleceu aos 25 anos — com 16 anos apenas. O nosso progenitor que a abandonou para casar com outra, teria hoje 95 anos se fosse vivo. Nosso Senhor já lhe perdoou com certeza.

Porque tanto sofreu neste pobre mundo esta mãe adorável, tanto maior é a saudade do filho que com ela sempre viveu e que devido a frequentes cólicas renais e a diversas intervenções cirúrgicas a que foi submetido, enormes aflições lhe causou e não lhe sai da memória o rosto de amargura nessas horas, daquela que com o maior desvelo e carinho o tratava.

Peço-lhe com muito interesse, se lembre na Santa Missa da alma de minha mãe».

Gaiato



PELAS CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA

Calções de banho. Nós pedimos e a Senhora D. Sofia diz que não tem. Ora nós somos 180 rapazes e precisamos ter cada um seu calção. Esperamos e contamos convosco, Amigos Leitores, para remediar o mal que, sendo calções novos, é de todos!

A época de frutas é, quase sempre, portadora de muitos aborrecimentos em nossas Casas, nomeadamente em Paço de Sousa.

Temos razões fortes para o afirmar. Antes as não tivéssemos. Mas temos. Por detrás da casa dois, situa-se um pomarzinho jeitoso mas muito ao

abandono, que contém, além de pereiras e macieiras, vários pessegueiros. Destes, houve um (por sinal o melhor e o mais bonito do pomar) que aparentava ter já o fruto maduro e, portanto, pronto a devorar. Nada mais foi preciso para que no curto espaço de uma semana o pessegueiro ficasse depenado!

Ora isto parece nada ter de importância. Mas tem. Tem porque a fruta em nossas Casas é para todos e não para uns tantos que só se lembram de si, esquecendo os outros. As consequências foram graves. Não só para nós como também para o pobre pessegueiro que em nada era culpado.

Na presença de toda a comunidade que, obedecendo a ordens supe-

riores se deslocou ao pomar, o pessegueiro foi cortado com um machado para que não seja causador de mais aborrecimentos. Oxalá isto sirva de lição para os culpados, que não tiveram a coragem de se denunciarem, e para nós que assistimos ao triste espectáculo. Assim, não só estaremos a contribuir para o bem de toda a comunidade, mas também para bem das árvores que, sossegadas, não fazem mal a ninguém.

A propósito de frutas. Se por um lado nos aborrece o seu desaparecimento, por outro consolamos-nos ver alguém interessado na sua colheita. Anastácio, talvez o rapaz mais velho da Casa, tomou sobre si esse cargo. Se o cumpre? Bem... que o digam aqueles que por ele já foram apanhados à fruta.

Anastácio é um homem na verdadeira acepção da palavra. Tem os seus quês. Mas no fundo é bom e compreensível. Por isso ele achou que devia haver alguém com pulso (e ele tem-no) que tomasse sobre si responsabilidade, pois o padre da Casa tem mais que fazer. Pensando assim, Anastácio, sem que ninguém o mandasse, voluntariamente se encarregou de colher e olhar pela fruta.

Desta maneira, temos a certeza de que comemos, se não muita, pelo menos alguma.

FAUSTO TEIXEIRA

TRABALHO

Não devia ser eu a pegar na caneta, mas Zé Adolfo. Não falo já do Oliveira... É que todos precisam, realmente, de marcar presença. Dar vida. Firmar ideal — até de caneta em punho.

Já foi aqui dito sucintamente que adquirimos, recentemente, uma nova máquina plana tipográfica por mais de 300 contos. E que já rola. E serve a dois carrinhos, graças a Deus. Os livros de Pai Américo eram editados com lentidão enervante e compreensível, pois a Joannisberg, sobrecarregada com a tiragem do Famoso — são 46.000 exemplares por edição — pouco tempo lhe restava para obras de livro.

Atinámos com uma solução. É certo que ainda não foi total. Pois as máquinas estão para os Rapazes e não estes para as máquinas. Isto é, elas surgirão, com a ajuda do Senhor, sempre que necessárias — e as mereçamos. O certo, porém, é que a nova plana atenuou ou resolveu problemas actuais de ordem officinal, desde a possibilidade de uma mais completa formação profissional dos nossos Rapazes ao desenvolvimento de trabalhos necessários ao seu aperfeiçoamento.

Em suma, dispomos, presentemente, e graças a Deus, de mais um valioso instrumento na oficina, que a responsabiliza mais e mais. Que, sobretudo, vai dar, com o andar dos tempos, mais oportunidades aos nossos leitores de saborearem livros de Pai Américo, esgotados e tão procurados. A nova plana já está ocupada com o «Obra da Rua», acrescido de valiosos artigos de Pai Américo publicados, antes de ser o Famoso — naquela época de euforia e de

esperança — no semanário portuense «A Ordem», cuja direcção gentilmente autorizou a sua transcrição.

No entanto, uma máquina com as características da que adquirimos, é boca de leão. Um sorvedouro de trabalho. Atendendo, pois, à necessidade de lhe dar ocupação e bem assim aos nossos Rapazes, os senhores lembrem-se da tipografia de Paço de Sousa e também da do Tojal e de Setúbal, nossas irmãs. Não há escritório sem cartas e postais e sobrescritos, para correspondência. Não há estabelecimento comercial sem talões, facturas ou recibos. Não há unidade industrial, suficientemente apetrechada, sem impressos para coordenar e registar a produção. Enfim, não há empresa, por mais modesta, sem impressos necessários ao seu movimento. Agora — e para complemento dos objectivos que nos levaram a pôr a rolar mais uma unidade — precisamos, realmente, de que todos quantos nos lêem, dando as mãos, repartam connosco encomendas de impressos. Não é dar tudo. É repartir. Visto que o Trabalho em nossas Casas, depois da Capela, ocupa lugar cimeiro. É pelo Trabalho que o nosso irmão tirado do lixo pode resgatar-se e completar a sua formação, para amanhã ser um Homem. O Trabalho é rei em nossas Casas, já que a desocupação é a raiz de todos os vícios e de todas as misérias. Os senhores não façam orelhas moucas. Tomem nota. Em letra bem legível. E logo ou amanhã, quando for possível ou acharem oportuno, lembrem-se das nossas escolas tipográficas.

Júlio Mendes

redes de arame da camarata dos mais pequenos, e chamel o «Pichuta» para fazer as camas. Consolei-me de ver as ditas tão bem arranjadas pelo «Pichuta».

Chegaram 50 pintos que nos deram. São ainda pequenos e foram habitar uma dependência da adega que o «Cata-linda» mai-lo Armindo arrumaram e limparam. A minha oficina é ao lado. Tem sido uma romaria. Romeiros, há deles pequenos e grandes. Todos querem ver as pequenitas aves.

Eu ainda alvitrei que uma mulher do campo tratasse deles, mas engoli o dito quando Senhor Padre Acílio me disse que eles tratariam dos pintinhos. Tirávamos aos rapazes a melhor escola. Lá se iam estas romarias, e teríamos em vez deromeiros alegres e palpitantes, penitentes tristes insatisfeitos.

Cartaxo. O nome diz de onde ele é. Fugiu não sei quantas vezes, até que se adaptou ao nosso meio. Temos visto nele quanto vale uma conversa amiga, e como eles se transformam uns aos outros. Noutro dia, chegávamos nós de Setúbal, quando veio um deles dizer ao Sr. Padre Acílio que o Cartaxo partiu um braço, quando subiu a um eucalipto para ver um ninho, e caíu. Não fossem estes braços partidos, as cabeças partidas, na liberdade exponetanea que cada um toma, e não teríamos a transformação deste e doutros cartaxos.

Estávamos a almoçar no Lar. Como era costume quando a senhora não está, Crisanto serve aqui e acolá, vendo que tudo esteja em ordem. Ele é o chefe.

César, o nosso reizinho, está também sentado à mesa. Crisanto passa e repara que ele não quer comer. Com a maior das ternuras e rodeios paternais, César não resiste e come. Por estes gestos humanos sentimo-nos mais irmãos.

Ernesto Pinto

BELEM

Senhor Bispo — Ele chegou no domingo do Pentecostes. Nós, dias antes, tínhamos ensaiado cânticos para o receber. Chegou o domingo e nós estávamos ansiosas porque viesse tempo bom para ir ver o Sr. Bispo. Mas o que veio foi chuva. Mas nós, apesar de estar a chover, fomos todas com a nossa Mãe, menos as mais pequenas, fomos ter ao Largo de Santa Cristina, com o nosso Pároco, para irmos incorporadas na nossa freguesia.

Por fim o cortejo começou a andar para a Sé. Chegámos lá e fomos encostar-nos à parede do museu para vermos passar o Sr. Bispo. Mas era tanta gente que nós nem conseguimos ver nada. Podíamos ver eram as bandeiras. Quando chegou o Sr. Bispo ao adro da Sé as pessoas começaram todas a bater muitas palmas e a levantarem as crianças ao colo.

Então a nossa Mãe mandou as mais velhas pegarem nas outras ao colo. Quando o Sr. Bispo entrou para a Sé as pessoas começaram todas a entrar, o quando fomos também nós entrar, eram tantas pessoas que nós mal podíamos entrar. Mas por fim conseguimos. O Sr. Bispo foi falar ao púlpito e nós para o vermos, punhamo-nos em bicos de pé e assim conseguimos ver. Ele é baixinho mas os homens não se medem aos palmos. No fim dele falar foi dar a benção que o Santo Padre lhe tinha encarregado e também a dele.

No fim saímos cá para fora e a nossa Mãe perguntou-nos se queríamos ir para casa ou esperar pela saída do Sr. Bispo. Todas quisemos esperar e quando ele se dirigiu para casa, deitámos a correr para ver de perto. Mas era tanta gente que se perderam duas meninas e graças a Deus apareceram depressa. E a caminho de casa só falámos no Senhor Bispo.

MARINA

Setúbal

«Pichuta», é um dos três irmãos que vieram das Nitreiras de Santas. Noutro dia passei pelo local, e Senhor Padre Acílio apontou-me aquele monte de ruínas de onde tinha tirado os três irmãos. Quando «Pichuta» veio prá nossa Casa não sabia o que era uma cama com lençóis. Habitado ao monte de farapos veio encontrar um novo mundo. Um dia destes, andei a mudar as

O que eu vi na Obra de Pai Américo

Ao chegar aqui ao nosso Brasil, veio-me à mente o que de belo passei aí nessa tão querida Obra.

Lembro-me, e nunca mais esquecerei, que, ao entrar de mansinho, como que meia acobalada por penetrar num lugar tão santo e tão sublime, senti-me pequenina perante essa Obra gigantesca onde reina o Amor a Deus.

Em primeiro lugar fui à Capelinha onde se encontram os restos mortais do nosso querido «Pai Américo» e senti as lágrimas rolar-me pelas faces por ver a simplicidade de uma cruz sobre o granito e onde permanece sempre uma chama acesa, e levando cada vez mais alto a alma do nosso bondoso «Pai». Capelinha modesta, mas tão grandiosa em sua simplicidade, onde também os gaiatos fazem as suas orações e assistem à Missa.

Achava-me junto desses pe-

queninos seres como também dos maiores. Fui ver essa imensa Obra, desde a parte mais simples como também a mais difícil, com a mesma alegria e fé, esperando a recompensa, não a terreno mas a divina, que é sublime e maravilhosa, porque assim irão todos se reunir ao seu mestre e bondoso «Pai Américo», para num só cântico levar a Deus o bem que ele fez nessa grande terra lusiada. Até os pequeninos, que são os «Batatinhas», também trabalham. Ora tiram as ervazinhas das alamedas, ora carregam lenha para a cozinha e assim vão vivendo num clima de ordem e trabalho, sempre sob a protecção do nosso bondoso «Pai Américo», o qual dizia como o divino Mestre: «Deixai vir a mim os pequeninos»...

Os gaiatos maiores trabalham nos campos a cultivar verduras, frutas para se abastecerem durante o ano e não faltar nada

na dispensa. Outros na Tipografia imprimem o famoso «O Gaiato», fazendo também para fora outros serviços de impressão. Tudo fazem para ajudar os humildes que na sua pobreza esperam sempre e com fé no auxílio Divino.

Os rapazes que fazem as refeições são tão gentis e atenciosos para com todos, que agradecemos a Deus tê-los conhecido.

As senhoras que também lá vivem, tudo fazem para elevar cada vez mais o nome do apóstolo do bem. Elas costumam, remendam, fazem roupas para todos os gaiatos. Como elas se dedicam à caridade com todo o amor, bondade e dedicação ao próximo!

Que «Pai Américo» lá no céu velê sempre pelos gaiatos e por todos que trabalham na sua Obra e que proteja sempre os necessitados que ele tanto amou.

Saudade

NOTA DE REDACÇÃO:

Saudade é a esposa de um dos nossos, que está radicado em S. Paulo — Brasil.

Veio há meses fazer-nos uma visita e agora manda-nos ecos das suas saudades.

